

“Quem Cuida do Jardim” – Colapso e recriação da humanidade em cena no Porto e em Lisboa

written by O Cidadão | 25 de Fevereiro, 2025





“Quem Cuida do Jardim” é uma distopia sobre os últimos dias da humanidade, tal qual a conhecemos. Confrontadas com o medo e as contradições da prática, quatro sobreviventes erram à porta da extinção completa, em busca de **“ideias para salvar uma coisa que já nem sequer existe”**.

Mapeia-se a *“história escrita pelos vencedores”* às avessas. Escrutina-se com avidez e sarcasmo os *“prefácios, posfácios e intermédios”* do arquivo da humanidade. *“Mas porque é que repetiram sempre a mesma coisa?”*

Nessa viagem pelos caminhos-de-ferro da memória colecionam centelhas de esperança nas primeiras formas de comunitarismo, nas sociedades matriarcais, nas mulheres recolectoras sabedoras das plantas, nos povos originários dos quatro cantos do mundo, nas sacerdotisas, naqueles que vivem da terra e a amam, nas bruxas, bichas, lésbicas e trans obliteradas. Elas digeriram e regurgitaram teorias sobre a evolução das espécies, a libertação, o apoio mútuo, sobre o fim da propriedade e do estado, sobre a ética do cuidado. Elas apontaram as falhas, os padrões e discutiram os prós e contras. Elas sabiam tanto e no entanto...



Foto de ESTELLE VALENTE

A memória também é um *“perigo real”*, faz-nos demorar *“a decidir virar costas”*, pesa-nos uma *“nostalgia do passado”*. *“Não reparamos e repetimos. Reparamos e repetimos”*. Talvez seja tarde, entranhou-se-nos nos ossos. *“A humanidade existe há um quarto de segundo”* e, estimado público, tem sido uma praga.

A Terra e o grande ciclo da vida que ela mantém aceso, como um anel em chamas na noite escura, não precisam de nós para nada. Pode ser o nosso fim absoluto. Pode ser o momento inaugural de uma nova forma de estar no mundo. É preciso continuar a experimentar. E de que matéria é feita essa vontade de (des)continuar?

Alice Azevedo, Bruno Huca, Carla Bolito e Diogo Freitas fazem o papel de sobreviventes ao colapso. Incluído, também, um novo ser humano, consequência de projeto laboratorial, destinado a repovoar a terra e desenhado geneticamente, segundo uma ética do cuidado.

Depois da estreia em Vila Nova de Famalicão e de uma passagem por Loulé, o espetáculo chega finalmente ao **Porto e a Lisboa**, no Teatro Helena Sá e Costa, a 8 e 9 de Março, e no CAL – Centro de Artes de Lisboa, de 14 a 25 de Maio, respectivamente.

Vai ser apresentada no **Ponto C** (Penafiel), nos dias 6 e 7 de Junho e no **Teatro Cine** (Torres Vedras) a 14 de Junho.

Os bilhetes custam 10€ (7€ para menores de 30 anos, maiores de 65, pessoas portadoras de deficiência e profissionais das artes do espectáculo). À venda na BOL e nos locais de apresentação.



Foto de JOSÉ CALDEIRA

Quem Cuida do Jardim – Ficha Artística

Criação: Cristina Carvalho

Com: Alice Azevedo, Bruno Huca, Carla Bolito, Diogo Freitas

Assistência de direcção: Nuno Pinheiro

Espaço cénico e Figurinos: Nuno Carinhas

Desenho de luz: Pedro Abreu

Sonoplastia e música original: Sérgio Delgado

Aderecista: Mapa Constança Rosado

Consultoria artística: David dos Santos

Fotografia cartaz: Estelle Valente

Fotografia de cena: José Caldeira

Trailer: Tomás Monteiro

Folha de sala: Cristina Roldão

Assessoria de imprensa: this is ground control

Produção executiva: Beatriz Cuba

Gestão financeira e administrativa: Ana Pereira

Co-produção: Causas Comuns, Momento – Artistas independentes,
Casa das Artes de

Famalicão, Cineteatro Louletano

Apoio: Pólo Cultural das Gaivotas, Câmara Municipal de Lisboa

Agradecimentos: Aida Carvalhal

A Causas Comuns é uma estrutura financiada pelo Governo de Portugal – Ministério da Cultura / Direcção Geral das Artes e é membro da Performart – Associação para as Artes Performativas em Portugal.

A Momento – Artistas Independentes é uma estrutura financiada pelo Município de Vila Nova de Famalicão.



Foto de ESTELLE VALENTE

SINOPSE

Quando a humanidade entrou em extinção, estava em curso um projeto laboratorial de criação de uma nova espécie de ser humano, destinada a repovoar a terra e desenhada geneticamente sob uma ética do cuidado. Quatro sobreviventes, entre os quais um exemplar desta nova espécie, tentam agora «reparar» o mundo de forma a viverem o melhor possível. Ou sonham com isso.

Em 2008, Cristina Carvalhal dirigiu *Cândido ou o Optimismo*, uma adaptação da obra de Voltaire, que no final nos deixa uma enigmática sugestão:

«devemos cuidar do nosso jardim». É desse enigma que surge este espetáculo. A partir de uma pesquisa sobre o percurso das sociedades pré-históricas até à atualidade, com especial enfoque na Europa, procuramos refletir sobre alguns dogmas que enformam o nosso pensamento quando nos questionamos sobre a forma como vivemos. Dito de outra forma, *como impedir a destruição de pessoas, ecossistemas e saberes, imposta por modelos organizacionais que insistimos em perpetuar?*

“Pode ser o nosso fim absoluto. Pode ser o momento inaugural de uma nova forma de estar no mundo. É preciso continuar a experimentar.”



Foto de JOSÉ CALDEIRA

A Companhia CAUSAS COMUNS

Fundada por **Cristina Carvalhal** em **2004**, a estrutura de produção **Causas Comuns** assume esta designação desde 2011 por melhor traduzir o carácter móvel que a caracteriza, onde os seus colaboradores procuram reunir “*a equipa ideal*” para cada projecto.

Com apresentações em países tão díspares como Finlândia, Chile, México, Inglaterra, Brasil e Bélgica, além de Portugal, procura juntar nas suas equipas profissionais de reconhecido mérito e artistas emergentes, com o intuito de «*contaminar*» gerações, oferecendo inovação, coerência e qualidade.

Aliada a outras instituições, promove o contacto regular do público com obras clássicas e contemporâneas de teatro, fomentando boas práticas de acessibilidade física, social e económica, e privilegiando a itinerância como forma de contribuir para a diversidade e a descentralização da oferta

cultural.

A Causas Comuns é uma estrutura financiada pelo Governo de Portugal – Ministério da Cultura / Direção Geral das Artes e é membro da Performart – Associação para as Artes Performativas em Portugal.

A Momento – Artistas Independentes é uma estrutura financiada pelo Município de Vila Nova de Famalicão.

OC/AJS